

Orquestra Sinfônica de São Paulo traz sabor brasileiro ao Festival de Edimburgo

Festival Internacional de Edimburgo, Reino Unido, 2016 – Bernstein, Villa-Lobos, Shostakovich: Taylor Torkington (soprano), Orquestra Sinfônica de São Paulo, Marin Alsop (regente), Usher Hall, 22.8.2016

Bernstein: *Salmos Chichester*

Villa-Lobos: *Choro* No. 10

Shostakovich: Sinfonia No. 5

Neste mês, o mundo foi ao Brasil. E nesta semana, o Brasil vem ao Reino Unido representado por seu principal produto de exportação na área da música clássica: a Orquestra Sinfônica de São Paulo.

Em uma vida anterior, ainda a caminho do topo, Marin Alsop ocupou o cargo de Regente Convidada da RSNO e, por isso, é bem conhecida do público de Edimburgo. Isso explica a recepção especialmente calorosa que recebeu hoje, algo a que ela claramente deu muito valor. Alsop vem construindo uma reputação bastante sólida para a Sinfônica de São Paulo desde que assumiu o posto de Regente Titular, em 2012, e a plateia pôde ouvir o porquê durante apresentação da *Quinta Sinfonia* de Shostakovich. É obviamente tentador afirmar que a orquestra paulista acrescenta um certo calor tropical à sua sonoridade, mas também é verdade que as cordas pareciam ter descoberto algo de inusitado para dizer sobre a ruidosa abertura da sinfonia, colocando-a sob uma luz nova, mais suave, e que ainda assim se sobressaía. Foram também mágicas no movimento lento, parecendo evocar todo um universo de angústia silenciosa, mas não menos áspera, na seção central. As madeiras se revelaram plenas de personalidade, enquanto um rosnado ameaçador, com aquela dose extra de escárnio, emanava dos metais durante as marchas lideradas pelos trompetes, no primeiro e último movimentos, em cuja sinceridade nunca se pode confiar. O Scherzo foi antes sardônico do que cômico, com uma pitada de caos e uma forte insinuação de desfaçatez, lembrando a todos que este é também o compositor das Suítes para Orquestra de Jazz. Alsop, regendo sem partitura, avaliou tudo lindamente, com equilibrado senso de construção no final, e lidou com a aquele espinhoso tom maior concluindo com maestria, dando a sensação de que se tratava, a um só tempo, de ponto culminante e de improvisado final feliz.

Mas o verdadeiro deleite veio na primeira metade, com duas peças que se adaptaram extremamente bem à regente e à orquestra. Os *Salmos Chichester* foram uma escolha especialmente inteligente de repertório. Para começar, Bernstein foi um mentor importante para Alsop, que é uma de suas principais intérpretes vivas e tem contribuído imensamente para injetar vida nova em sua reputação como compositor. Além disso, o efeito psicológico de ouvir os Salmos tocados por um conjunto sul-americano é fortíssimo. Aquele primeiro movimento, tão rico em síncopes, soa como se houvesse mesmo saído da América Latina. Certos sons dos dois primeiros movimentos têm, de

fato, origem em trechos descartados de *West Side Story* que teriam sido cantados pelos Sharks (latino-americanos); ou seja, não há exagero na afirmação acima. Já as seções mais lentas ofereceram o melhor desempenho lírico, com um lindo Salmo 23 na voz de Taylor Torkington, do coral da Catedral de St Mary, e com um movimento final que extraiu uma sonoridade inebriantemente bela do coro.

Ouvir os *Salmos* juntamente com Villa-Lobos reforça a impressão de fertilização cruzada; no caso dos Choros do compositor brasileiro, entretanto, o que se ouve é o artigo genuíno. Em parte inspirada pelos sons da Amazônia, a peça revela uma energia tremenda. Ao longo da audição, tive a sensação (totalmente romantizada) de estar ouvindo algo solto, livre de convenções, desfrutando de uma distância solar dos tradicionais e cerebrais centros de música ocidental (o que é altamente irônico porque Villa-Lobos compôs a obra quando vivia em Paris!) O tempero brasileiro é inconfundível, e a cor orquestral é algo de muito especial, com trombones leves, metais morosos e madeiras gorjeantes para representar o canto dos pássaros da Amazônia, e todo tipo de percussão e ritmos cruzados. O Coro do Festival de Edimburgo, da mesma forma, mostrou competência em um repertório muito diferente do costumeiro, produzindo uma sonoridade impressionante, com força quase animal, misturando o que soava como um canto antigo com vocais que lembravam maracas. E tudo isso enquanto acompanhavam (ligeiramente desajeitados) o ritmo com o corpo. E eu achava que já tinha visto de tudo...

Simon Thompson

Tradução de Jayme Costa Pinto.